



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

E-ISSN 2316-3828

DOI-10.17564/2316-3828.2019v7n2p11-22

INTELECTUAIS E IMPRESSOS EDUCACIONAIS NO BRASIL

“A BELEZA QUE FALA O POETA”¹: APRESENTAÇÃO DE BERNARDO GUIMARÃES NO ROMANCE ROSAURA, A ENJEITADA

“THE BEAUTY THAT POET TALKS”: PRESENTATION OF BERNARDO GUIMARÃES IN ROMANCE ROSAURA, A ENJEITADA

“LA BELLEZA QUE HABLA EL POETA”: PRESENTACIÓN DE BERNARDO GUIMARÃES EN EL ROMANCE ROSAURA, A ENJEITADA

Luzinete Rosa dos Santos¹
Mariângela Dias Santos Lobo³

Luziane dos Santos²

RESUMO

O artigo tem por objetivo compreender como Bernardo Guimarães se apresentou no romance *Rosaura, a enjeitada*, tendo em vista a sua formação e seu repertório. Assim, trazemos como procedimento metodológico de pesquisa a operação histórica de análise de fontes, questionando, problematizando e despidendo o documento para alcançar o objetivo proposto. O romance aqui elencado é tomado como fonte para esta narrativa, traz discursos acrescidos de repertórios utilizados pelo autor para tratar de temáticas que permearam o Império, além de estratégias utilizadas por ele, sobretudo para tratar de raça. Diante disso, evidenciamos que o autor, em *Rosaura, a enjeitada*,

ao compor seus personagens negros trouxe discussões sobre raça e miscigenação. Acreditamos que a produção literária constitui um repertório do autor e se configurou em uma ação política, Bernardo Guimarães utilizou o romance como espaço de experiência social, ao descrever a trama, o romancista mobilizou recursos intelectuais de acordo com suas necessidades de definir formas de ação.

PALAVRAS-CHAVES

Raça. Romance. Bernardo Guimarães.

¹ Os títulos foram retirados de excertos e subtítulos da obra *Rosaura, a enjeitada*.

ABSTRACT

The article aims to understand how Bernardo Guimarães presented himself in the novel *Rosaura, A enjeitada*, in view of its formation and its repertoire. Thus, we bring as methodological procedure of research the historical operation of analysis of sources, questioning, problematizing and undoing the document to reach the proposed objective. The novel here is taken as a source for this narrative, bringing discourses added by repertoires used by the author to deal with themes that permeated the Empire, in addition to strategies used by him, especially to deal with race. Given this, we show that the author, in *Rosaura, a enjeitada*, in composing

his black characters brought discussions about race and miscegenation. We believe that literary production constitutes a repertoire of the author and was configured in a political action. Bernardo Guimarães used the novel as a space of social experience, in describing the plot, the novelist mobilized intellectual resources according to his needs to define forms of action.

KEYWORDS

Race. Novel. Bernardo Guimarães.

RESUMEN

El artículo tiene por objetivo comprender cómo Bernardo Guimarães se presentó en la novela *Rosaura, a enjeitada*, teniendo en vista su formación y su repertorio. Así, traemos como procedimiento metodológico de investigación la operación histórica de análisis de fuentes, cuestionando, problematizando y desnudando el documento para alcanzar el objetivo propuesto. La novela que aquí se lista es tomada como fuente para esta narrativa y trae más discursos de repertorios utilizados por el autor para tratar de temáticas que permearon el Imperio, además de estrategias utilizadas por él, sobre todo para tratar de raza. Ante ello, evidenciamos que el autor, en *Rosaura, a enjeitada*,

al componer sus personajes negros trajo discusiones sobre raza y mestizaje. Creemos que la producción literaria constituye un repertorio del autor y se configuró en una acción política, Bernardo Guimarães utilizó la novela como espacio de experiencia social, al describir la trama, el novelista movilizó recursos intelectuales de acuerdo con sus necesidades de definir formas de acción.

PALABRAS CLAVE

Raza. Novela. Bernardo Guimarães

1 INTRODUÇÃO

As flôres voam nas asas do vento, e são sòmente côr e perfume; mas os frutos têm também a polpa e o sabor. As flôres duram um momento, e são como a beleza, de que fala o poeta:
Et rose, elle a vécu ce que vivent les roses,
L' espece d' un matin.
E rosa ela viveu da rosa a vida,
O espaço de uma aurora. (GUIMARÃES, s.d., v. 1, p. 23).

A fala do poeta, que conta da beleza das flores, nos leva a um momento de apreciação estética do poema. Bernardo Guimarães, pelo seu tom poético, nos arrebatava para uma análise com o objetivo de compreender como o intelectual se apresenta no romance *Rosaura, a enjeitada*, tendo em vista a sua formação e seu repertório. Vale ressaltar que, neste texto, o leitor encontrará a apresentação do romancista, aqui não considerada apenas pelos dados biográficos, mas como esse autor traz seu repertório para tratar de temáticas que permearam o século XIX, além das estratégias utilizadas por ele, sobretudo para tratar de raça. Para este texto, nos apropriamos do conceito de repertório nos termos de Alonso (2002), utilizando como fonte à obra *Rosaura, a enjeitada*.

Sobre o procedimento metodológico buscamos fazer a operação histórica de análise de fontes, questionando e problematizando o documento. Pois entendemos a importância de, ao tomar uma obra literária como fonte, entender que todo documento é “[...] produto da sociedade que fabricou segundo as relações de forças que a detinham” (LE GOFF, 1994, p. 545). Assim, levamos em consideração as conjunturas históricas em que o documento foi produzido, investigando o passado e estabelecendo tensões entre as teorias, o documento e outras fontes. Para tanto, foi preciso, como dizia Le Goff (1994), despir o documento para compreendermos além do que está posto na obra.

É importante salientar que este artigo resulta de experiências vivenciadas no Programa de Pesquisa “A educação nos projetos de Brasil: espaço público, modernização e pensamento histórico e social brasileiro nos séculos XIX e XX” e no Grupo de Pesquisa “História, Memória, Educação e Identidade” (GPHMEI).

2 A JABUTICABA, DE BERNARDO GUIMARÃES: O ROMANCE ROSAURA, A ENJEITADA

Jabuticaba, ela viveu sómente
Como a jabuticaba;
Foi comida e deixou só a semente;
Assim tudo se acaba. (GUIMARÃES, s.d., v. 1, p. 24).

A jabuticaba é fruta bem-nascida do calor dos trópicos. Essa fruta de brilho negro serviu de analogia para Bernardo Guimarães compor o nascimento de uma menina no Brasil, “Rosaura”, que nasceu “[...] onze horas para meia-noite de um dia de novembro de 1847” (GUIMARÃES, s.d., v. 1, p. 133), filha da formosa “Adelaide” e do mancebo “Conrado”. Esta cena consta no romance *Rosaura, a enjeitada*, obra de ficção, publicada pela Editora Saraiva, que ganhou vida pelas mãos de Bernardo Joaquim Guimarães da Silva, romancista mineiro do Romantismo brasileiro, estudante da Academia de Direito de São Paulo, Professor de Filologia e Língua Nacional em Ouro Preto de 1854 a 1858, jornalista na Corte de 1859 a 1861, de 1861 a 1863, além de professor de Retórica e Poética em Ouro Preto, Congonhas, do Campo Queluz².

Em *Rosaura, a enjeitada*, ao emoldurar a trama, o autor faz uma descrição do processo educativo de nível superior e de sua própria formação na Academia de Direito de São Paulo. A obra evidencia testemunhos da educação formal e indica traços da formação dos bacharéis na Academia de Direito de São Paulo, consistindo na representação dos estudantes, no tempo vivido na instituição. Neste sentido, encontramos o acadêmico “Aurélio” narrando fatos como: “Desejara que os lentes agora me acenassem ao menos com dos RR, só para ter pretexto de deixar esta monotonia, passar-me para Pernambuco e ir visitar essa Veneza no Norte, a ver se é menos enfadonha do que esta” (GUIMARÃES, s.d., v. 2 p. 9).

Ainda identificamos o discurso do personagem “Major Damásio” que versa sobre a formação da estrutura acadêmica, e como ocorriam as disciplinas de formação em Direito: “... Hei de falar também aos

² A este respeito ver Nogueira (1977) e Zica (2007).

lentes ... Há de haver congregação ...reprovação ...expulsão mesmo!...” (GUIMARÃES, s.d., v. 2, p. 87).

Neste sentido, Bernardo Guimarães trouxe para dentro do romance seus amigos acadêmicos, o paulista Álvares de Azevedo³ (1831 – 1852) e o mineiro Aureliano Lessa⁴ (1828 – 1861), estudantes da Academia de Direito paulista. É necessária uma leitura da maior parte do primeiro volume do romance para notar a exatidão com que o romancista descreveu os seus dois colegas. No enredo, evidencia-se o relato da disputa amorosa entre Azevedo (Álvares de Azevedo) e Belmiro (Bernardo Guimarães) por “Adelaide”.

Ao entrelaçar a trama, introduziu suas características e desses seus amigos, apontando a relação afetiva entre eles, enredando e recompondo parte de sua trajetória de formação e a relação com a cidade de São Paulo. O literato descreve os hábitos e costumes da vida estudantil, mostrando as marcas de suas habilidades, como a de cantador de modinha e tocador de violão. Menezes (2012), ao empreender estudos sobre as obras do romancista, considera Bernardo Guimarães (FIGURA 3) como um autor envolvido com a temática social.

Figura 1 – Bernardo Joaquim Guimarães da Silva (1825 – 1884)



Fonte: Retrato de Bernardo Guimarães, por M. Colonna (SOUZA, 2012, p. 59.)

³ Manuel Antônio Álvares de Azevedo, nascido na cidade de São Paulo a 12 de setembro de 1831, filho do doutor Inácio Manuel Álvares de Azevedo, matriculou-se no curso jurídico em 1948 (NOGUEIRA, 1977).

⁴ Nascido em 1828, na cidade de Diamantina, Aureliano José Lessa fez os estudos secundários no Seminário de Congonhas do Campo e matriculou-se na Faculdade de S. Paulo, talvez em 1846 ou 1847. Foi referido sempre como amigo de Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães (JESUS, 2014).

Para melhor entender o homem e seu tempo, recorreremos aos escritos de Adorno (1988), em *Os aprendizes do poder*. O autor, ao realizar pesquisas sobre a Academia de Direito de São Paulo, afirma que a produção intelectual dos estudantes esteve concentrada em questões públicas da vida civil, embora a ideia jurídica nunca estivesse ausente neste ambiente intelectual. Assim, registravam suas publicações acadêmicas com diversas produções, a maior parte em forma de literatura.

Acreditamos que a produção literária é um repertório do autor e se configurou em uma ação política e jurídica, uma vez que temos entendido esta como uma forma de difundir suas ideias para a sociedade oitocentista, supostamente existia a relação entre as produções científicas e o movimento social da época. Neste sentido, para pensar o autor, buscamos, assim, compreender como ele se constituiu em um tempo e espaço específicos, a partir da sua formação intelectual na Academia de Direito de São Paulo, onde os acadêmicos produziram escritos, como poesias, romances e artigos para jornais e revistas acadêmicas.

[...] do alto da jabuticabeira espreitava com olhos ardentes, por entre o fino crivo da folhagem, tôda essa cena, e dava-se ao diabo por não poder ouvir as palavras que a acompanhavam.

Belmiro ignorava que Adelaide, por um preconceito que desde a infância lhe fôra imbuído por seu pai, menosprezando seu encantador morenismo. Tinha fumos de branquidade e fidalguia, a ponto de tomar como injúria a mais leve e involuntária alusão, que pusesse em dúvida a pureza e imaculada de sua árvore genealógica. (GUIMARÃES, s.d., v. 1, p. 40).

Bernardo Guimarães, ao narrar a cena, utilizando expressões como “fumos de branquidade” e “morenismo”, apropriou-se de teorias estrangeiras que percorreram o Império brasileiro – entre essas o darwinismo social⁵ – que povoavam as instituições científicas e de

⁵ É considerada uma ideologia e partia da premissa de que existia uma diferença ontológica entre as raças humanas, entendidas como espécies biológicas diferentes e invariáveis. É também considerada como uma “concepção sociológica que idealiza a concorrência econômica e a justifica pelo princípio natural da concorrência vital, a ponto de dizer que a exploração de uma classe por outra também é natural e necessária ao bom funcionamento

pesquisa e ensino do século XIX. São indícios como esses que nos conduzem a enxergar, neste romance, como o literato passou a adotar um discurso científico evolucionista utilizado como modelo para análise social do seu contexto. Partes dos recortes que o autor fez na obra comungam com sua própria atuação em jornal liberal. Segundo o memorialista Almeida Nogueira (1977), Bernardo Guimarães dedicou-se a escrever em artigos de crítica literária, folhetins e versos para o jornal *Atualidade*, que marcou época no jornalismo brasileiro.

Essa folha política e literária, [...] gozou durante certo tempo das auras da popularidade e deveu essa vantagem aos princípios de adiantado liberalismo que doutrinava, ao estilo colorido e empolgante em que era escrita e ao prestígio resultante de pureza da vida pública dos seus jovens e talentosos redatores. (NOGUEIRA, 1907, v. 7, p. 221-222).

A partir da sua atuação no referido jornal, Bernardo Guimarães demonstrou ter influência na formulação de alguns dos elementos que ele deixou transparecer no romance, a exemplo da presença de sentimentos racistas e liberais, da ideia dos negros como propriedade, que viviam em situação desfavorável, parte da condição servil. Neste sentido, Sívio Romero (1888, v. 2, p. 946), em *História da Literatura Brasileira*, considerou no poeta “um espírito liberal e progressivo”. Ao tecer uma análise sobre o literato e seus escritos, o autor citado destaca traços que parecem ser construídos no percurso do literato. Dentro desta lógica, esses vestígios revelam como, conscientemente, o romancista trouxe suas experiências para tratar de ideias relacionadas à história do povo brasileiro. Faria Filho (2006), ao trabalhar com os escritos do literato, assevera que:

[...] de forma mais geral, podemos dizer que seguindo o cânone romântico, B. Guimarães quer, ele também, descobrir o Brasil e construir a nação. Não é por acaso, pois, que, em suas obras, ele buscara mostrar e, ao mesmo tempo, construir a história da nação brasileira, aproximando assim, às vezes de forma explícita

da sociedade”. (JAPIASSÚ, MARCONDES, 2006, p. 64).

e consciente o fazer literário do fazer historiográfico (FARIA FILHO, 2006, p. 147).

Encontramos o romancista, trazendo em Rosaura, a enfeitada, traços da história do povo brasileiro ao declarar que “Em nossa terra é sandice querer a gente gloriar-se de ser descendente de ilustres avós; como diz um velho tio meu: - no Brasil ninguém pode gabar-se de que entre seus avós não haja algum puxado flecha ou tocado marimba” (GUIMARÃES, v. 1 p. 102-103). Segundo esse autor, a história do povo brasileiro está relacionada com características genealógicas. No Império o pensamento racial estava respaldado por teorias científicas, apropriadas por homens de letras que buscavam fortalecer o cenário científico do país e eram considerados homens da ciência que ocupavam lugares de prestígio, de onde saíam produções científicas com bases deterministas.

Os intelectuais brasileiros buscavam discutir a complexa relação das classes sociais, explicar a sociedade e estabelecer princípios para uma suposta estabilidade social. Pensar e hierarquizar uma sociedade perpassava estas demandas sociais. O autor se aproveita deste movimento de ideias para escrever sobre miscigenação racial, construindo, desta forma, seu discurso.

Conforme Alonso (2002), compactuando com o conceito de repertório, ao se manifestar sobre a “caixa de ferramentas”, estes agentes utilizaram-se de seus instrumentos para criar e recriar adaptações à brasileira, selecionando o que combinava e descartando o que, de certa forma, seria problemático para a construção de uma argumentação racial no país. O romancista ocupava esses espaços que lhe proporcionavam a oportunidade de escrever e divulgar seus pensamentos e suas experiências. O autor utilizou como ferramentas um vocabulário que tinha características regionalistas, trazemos como exemplo o seguinte fragmento:

Maneira que adotou inspirado no convívio do povo, da gente simples que amava frequentar, pois viveu longo tempo no interior brasileiro, em contato com trabalhadores rurais e outras atividades mais singelas, se bem árduas. Inspirou-se também no folclore, nas lendas, nas

superstições populares-material que aproveitou, principalmente nos contos [...] (ALONSO, 2002, orelha do livro).

Essa forma de escrita pode ser evidenciada como uma estratégia pela qual o autor buscou expressar suas proximidades com o interior, trazendo um pouco dessa gente e seus costumes para suas obras, encontrando inspiração em suas experiências, pois, para Zica (2015), Bernardo Guimarães tem em suas narrativas coisas a ensinar, experiências a intercambiar. Neste sentido, em *Rosaura, a enjeitada* notamos que em algumas especificidades são perceptíveis os aspectos que o romancista traz da sua prática como jurista no interior do país, fazendo referência à ideia de que todos são mais ou menos pretos e pardos, construindo a imagem de uma nação mestiça que não está tão evidente em *A escrava Isaura*.

Essa foi uma ferramenta utilizada para registrar suas vivências em Goiás, quando atuou no cargo de juiz, entre os anos de 1861 e 1863, trazendo para a literatura algumas expressões que fazem menção ao Sul. Ao longo da obra, quando capturamos este vocabulário, percebemos todo um contexto atrelado à sua escrita.

O romancista parece-nos associar os traços de seus personagens com a população das regiões em que ele viveu, tal como as características da personagem “Rosaura”, uma moça que tinha “[...] belo porte, cabelos de azeviche, não mui finos e sedosos, mas espessos e de um brilho refulgente como o aço polido. Os olhos grandes e da mesma côr dos cabelos”. A escrava de Bernardo Guimarães era “[...] da cor do jambo, mulata tinha bôca pequena, com lábios carnudos do mais voluptuoso e encantador relêvo [...] e o nariz reto e afilado, A tez do rosto e das mãos era de um moreno algum tanto carregado [...]” (GUIMARÃES, s. d, v. 2. p. 3).

Os termos utilizados servem para apresentar essa personagem e falar sobre miscigenação racial, evidenciada no diálogo sobre “Rosaura” entre “Carlos” e “Frederico”, que dizia: “Nada mais simples, Carlos; com a continuação do cruzamento, a raça africana se depura e aperfeiçoa, e eu tenho visto mais de uma escrava mais branca e mais bonita que sua senhora” (GUIMARÃES, s. d, v. 2, p. 117). Assim, o romancista

usava a literatura como meio de comunicação para trazer esses repertórios raciais constituídos no ambiente acadêmico, uma vez que:

As tradições literárias [...] tomaram lugar no interior daquela instituição cultural permitem traçar o perfil “espírito das arcadas [...]”; ou seja, do clima ideológico-notadamente intelectual e artístico-, bem como da vida social dominante entre certos estratos da população da antiga capital da província paulista, a vida acadêmica proporcionou, por assim dizer, um espaço social institucionalizado, porém aberto, de participação e de lutas públicas, as quais se expressam no teatro, na literatura, sobretudo, no jornalismo. (ADORNO, 1988, p. 158).

Para Alonso (2002, p. 39), a produção das obras é revelada como forma de ação, os textos e as formas de agir se completam, de forma que “escritos” e “práticas se unificam politicamente”. Deste modo, entendemos que não há coincidência em uma escrita de um autor com a atuação social, jurídica e formação acadêmica de Bernardo Guimarães, na Faculdade de Direito paulista. Conforme já afirmamos anteriormente, essa academia foi constituída com o objetivo de formar uma elite de homens letrados para exercer funções de cunho político e jurídico.

3 “FUMOS DE BRANQUIDADE”, “BALDE DE FIDALGO”: NA LETRA DO ACADÊMICO BERNARDO GUIMARÃES

Os estudos na Academia de Direito de São Paulo tinham duração de cinco anos e as disciplinas a serem cursadas eram determinadas pela lei de 11 de agosto de 1827, a saber:

Quadro 4 – Cadeiras dos Cursos Jurídicos

Cadeiras dos Cursos Jurídicos estabelecidos pela LEI DE 11/08/1827	
ANO	CADEIRAS
1º ANO	1ª Cadeira: Direito natural, público, análise da constituição do Império, direito das gentes e diplomacia.

ANO	CADEIRAS
2º ANO	1ª Cadeira: Continuação das matérias do ano antecedente. 2ª Cadeira: Direito público eclesiástico.
3º ANO	1ª Cadeira: Direito pátrio civil. 2ª Cadeira: Direito pátrio criminal, com a teoria do processo criminal.
4º ANO	1ª Cadeira: Continuação do Direito pátrio civil. 2ª Cadeira: Direito mercantil e marítimo.
5º ANO	1ª Cadeira: Economia política. 2ª Cadeira: Teoria e prática do processo adotado pelas Leis do Império.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Santos (2015).

Segundo as memórias, Bernardo Guimarães estudou na turma de 1847-1851, cursou o 5º ano em 1851, porém não se formou naquele ano, com seus colegas; fez o ato na segunda época, em março de 1852, recebendo grau de bacharel, posteriormente, “com um *simpliciter* na carta” (NOGUEIRA, 1977, v. 3, p. 156). Ainda de acordo com referências que temos encontrado na Academia de Direito de São Paulo, os estudantes emitiam as posições acerca de problemas sociais, como a escravidão tratavam juridicamente essas problemáticas e mediante suas concepções traziam suas visões sociopolíticas.

A visão dos estudantes sobre os problemas sociais e jurídicos “[...] estava associada à garantia de uma unidade e de uma continuidade do poder imperial, por vezes, ameaçado pelas numerosas revoltas do Período Regencial (1830-1845)” (SANTOS, 2015, p. 8). Para o pesquisador, diversas eram as discussões dos acadêmicos em torno da escravidão e, como exemplo, destacou o discurso produzido sobre o arcabouço jurídico que legitimava a instituição, além disso, identificou o posicionamento sobre a Lei do Ventre Livre, evidenciando que essas práticas, entre os estudantes, também poderiam ser vistas na elaboração das teses e dissertações. Mesmo com a

Academia sendo submissa ao controle monárquico, os estudantes, pela sua formação jurídica, debatiam a escravidão. Assim, os escritos destes sujeitos constituíam-se como um espaço no qual questões da sua formação reverberaram em suas produções.

Buscamos perceber, na escrita desses textos, conceitos e argumentações teóricas que pudessem nos conduzir a uma compreensão das questões históricas que eram particulares da formação e produção acadêmica dos bacharéis daquela época e foi, neste sentido, que situamos o liberalismo, que enquanto “[...] teoria teve importância no processo de construção do Estado nacional brasileiro e conseqüentemente, na construção da cultura jurídica brasileira. Pois, não se compreende uma nação liberal sem a configuração de uma cultura jurídica própria” (SANTOS, 2015, p. 37).

Na Academia de Direito de São Paulo, diferentemente de Recife, predominavam modelos liberais de um ideário da sociedade (ADORNO, 1988). Sendo assim, ao lembrar do uso de ferramentas, é possível inferir que a formação de Bernardo Guimarães, na Academia de São Paulo, ensinou-lhe como articular no campo jurídico e social. Segundo Santos (2015, p. 20), a Academia de Direito de São Paulo “[...] constituiu um cenário jurídico intimamente atrelado às práticas políticas do Império. Assim, a questão principal deixa de ser onde foram gestadas as teorias, mas como essas foram apropriadas pelos bacharéis em suas práticas acadêmicas e políticas”.

Deste modo, vale ressaltar o que nos recomendou Schwarcz (1993, p. 65) sobre a importância de, ao estudar os “homens de ciência”, “[...] tomar os autores não de forma isolada, mas vinculados às diferentes instituições das quais participavam e que representavam, por sua vez, seu contexto maior de discussões e intelectual”. Bernardo Guimarães esteve dentro deste processo não apenas na formação, mas na atuação como juiz, no estado de Goiás. Sua formação jurídica não se separava, de certa forma, de sua produção literária. Zica (2008), ao estudar as produções literárias do romancista, afirma que o autor utilizava a literatura como veículo de reflexão sobre a civilização e o destino da nação. Para este autor, Bernardo Guimarães,

[...] ao fazer literatura, tinha um projeto estético-político que visava estimular uma reflexão sobre a identidade nacional, parece importante atentarmos ao fato de que fazer pensar sobre esta identidade, no século XIX, é fazer pensar também sobre o ‘estágio de civilização’ em que se encontrava o Brasil Império (ZICA, 2008, p. 54).

Neste sentido, identificamos que o autor, ao descrever a personagem “Adelaide”: “[...] persuadida de que se corria nas veias sangue da mais pura e antiga fidalguia paulistana em virtude dos preconceitos que desde a infância o pai lhe imbuíra no espírito, não podia falta-lhe altivez e vaidade em alta dose” (GUIMARÃES, s. d, v. 1, p. 20), faz referências às questões genealógicas enquanto determinantes de lugar social, assim, a obra conserva os modelos teóricos, adaptados no Brasil, que tinham origens em diversas decorências teóricas, entre essas a “teoria das raças”, também denominada de “darwinismo social”, que:

[...] adotou o suposto da diferença entre as raças e sua natural hierarquia, sem que se problematisassem as implicações negativas da miscigenação. [...] Buscavam-se, portanto, em teorias formalmente excludentes, usos e decorrências inusitadas e paralelas, transformando modelos de difícil aceitação local em teorias de sucesso. (SCHWARCZ, 1993, p. 18).

O darwinismo social traz uma concepção das raças humanas como naturalmente distintas, e defende uma hierarquia do branco em relação ao negro. Este discurso se assemelha ao percurso de romancista no realismo, uma vez que este foi um dos elementos na construção da identidade nacional. O romance aqui analisado é localizado entre suas obras com características realistas. Em uma perspectiva sociológica, esta corrente retrata o homem interagindo com seu ambiente social, considerando os sujeitos como produto do meio, muitos autores faziam isso para criticar um problema social e explicar cientificamente os acontecimentos da vida social.

Parece-nos que Bernardo Guimarães, ao escrever *Rosaura, a enjeitada*, pretendeu apresentar o Brasil como um país de pardos, porém consideramos que

essa ideia não está interligada apenas à cor, mas a outros aspectos histórico-culturais. Conforme Schwarcz (1993, p. 43): “Os romances [...] da época fariam uma larga utilização e divulgação dos modelos científicos deterministas”, conservando aspectos do realismo em meio às teorias adaptadas no Brasil.

Esta argumentação teórica tem como referência as temáticas raciais, baseadas nas ideias da Europa, as quais apresentavam o homem branco europeu como representante da superioridade e os negros como inferiores, reforçando o que Schwarcz (1993) chamou de “racismo científico” ou “racialismo”, concebido pela intelectualidade por meio das adaptações dessas teorias à realidade brasileira. Deste modo, parece que o literato, ao escrever sobre escravidão, estaria construindo uma ação para a divulgação (disseminação) da “miscigenação racial” no Brasil.

Nos reportamos, olhando a forma como este autor trouxe a “Adelaide”, ao pensamento que cercava a construção da identidade nacional baseada em estereótipos da vida cultural europeia como formas perfeitas a serem seguidas, definido culturalmente e historicamente por intermédio de aspectos peculiares deste contexto histórico-social, determinante na sociedade oitocentista.

É seguindo os indícios na escrita do autor, que percebemos como Bernardo Guimarães descrevia seus personagens, apresentando modos de sentir, agir e pensar, como uma representação social que predominava naquela sociedade. Isso pode nos levar a perceber o contexto de produção desta obra como um ambiente social com modelos de vida e as características de uma sociedade escravocrata que, em seus discursos, limitava suas relações a pessoas de “sangue puro”. O autor, ao estabelecer o diálogo entre os personagens “Major Damásio” e “Frederico”, utilizou expressões que indicam a temática racial: “[...] que necessidade tinha o senhor de trazer aquele tapuia?”⁶ (GUIMARÃES. s. d, v. 1, p. 78).

Em outro excerto: “[...] sua balde de fidalgo e branco sem mescla se revelava a cada instante nos modos,

6 Etnia indígena.

nas palavras e nas ações, tratando com revoltante desdém a tôdas as pessoas de côr e de condição humilde” (GUIMARÃES. s. d, v. 1, p. 68). E continuou nas páginas seguintes: “[...] O que todos não podiam suportar era a intimidade de mulatos e caboclos” (GUIMARÃES. s. d, v. 1, p. 69).

Com a arte da literatura, Bernardo Guimarães se apropriou dos aspectos e características do povo brasileiro para trazer o repertório e o vocabulário, disponível no seu tempo. Sobre isso, nos diz Alonso (2002, p. 34): “a relação entre o contexto brasileiro e teorias europeias é dinâmica [...] tantos os repertórios estrangeiros quanto a tradição nacional são fontes intelectuais, apropriadas de maneira seletiva num processo que envolve necessariamente supressão, modificação, recriação”. Partindo deste pressuposto, atentamos para uma cena que destaca “Conrado” como “o caboclo de olhos cintilantes assim é a maneira de gaúcho [...]” (GUIMARÃES. s. d, v. 1, p. 65). O romancista, ao desenhar o moço, apresenta o perfil de um indivíduo oriundo do sul do Brasil.

Ao elaborar as falas do personagem mestiço “Conrado”, reconhece o hibridismo racial que povoou a população, utilizando o romance como espaço de experiência social. Para Faria Filho (2006, p. 151), o romancista “demonstrava ter profunda consciência de seu ofício e do lugar da literatura na luta político e cultural que se tratava no império naquele momento”. No desenrolar da trama, Bernardo Guimarães considera a heterogeneidade do Brasil, trazendo não apenas o desenho da nação oitocentista, mas contribuições para construção da identidade nacional. O enredo nos leva a perceber que esse autor tem “a virtude e a importância de haver sido um dos interlocutores do regionalismo, do sertanismo, da transição voraz de usos e costumes, nas letras nacionais, legando-nos uma prosa pejada de brasileirismos de sintaxe e modismo sertanejos”⁷.

Rosaura, a enjeitada é o único romance urbano do autor e tem como cenário a cidade de São Paulo antes do enriquecimento pelo café. O romancista, ao relatar

a cena entre dois estudantes do quarto ano jurídico da faculdade paulista que “tinham acabado de jantar e ainda se achavam à mesa em casa de ‘Frederico’, que morava só, no Alto da Consolação, um dos bairros mais isolados e solitários da cidade” (GUIMARÃES. s. d, v. 2, p. 113-114), utilizou adjetivos apresentando a pauliceia como uma cidade ainda em construção, que recebia jovens que ingressavam na Faculdade de Direito. Alguns saíam com arcabouço teórico que lhes permitia acesso livre nos espaços de produção e escrita, sendo considerados como divulgadores das ideias europeias. A formação em Direito trazia não apenas uma formação letrada, como também homens que tinham a oportunidade de atuação política e social.

O romancista, no desenrolar da trama, descreve a classe acadêmica como “núcleo de um grande movimento intelectual”, referindo-se à presença dos estudantes como “intelectuais”. Outro traço encontrado na obra é a forma como o autor, ao narrar fatos dos personagens que representavam estudantes, fez afirmações sobre a classe, apresentando-os como “o corpo acadêmico [...] Uma mocidade brilhante e esperançosa que frequentava a academia; uns ricos, outros fidalgos de sangue azul, outros com a aristocracia do talento tinham suspensa sobre a fronte a auréola de um esplêndido futuro [...]” (GUIMARÃES, s. d, v. 1, p. 69), demonstrando a presença do elitismo do corpo acadêmico.

Bernardo Guimarães introduz aspectos escolásticos da faculdade imperial, na composição da fala do personagem, que aqui transcrevemos: “[...] O major não ignorava que era especialmente dessa classe que saíam os deputados, senadores, ministros, barões, condes e marquês [...]” e “[...] o bom Major podia nutrir a esperança de ter um dia, um genro deputado, presidente, ministro, senador e por fim até mesmo visconde e marquês” (GUIMARÃES, s. d, v. 1, p. 69; v. 2, p. 8). Desta leitura, apreendemos que o autor comungava com as ideias da formação de uma elite intelectual que tinha como objetivo ocupar cargos públicos no Império.

Vale ressaltar que a formação dos acadêmicos não estava restrita apenas aos espaços de sala de aula, mas que eles percorriam, entre as arcadas da Academia, os ambientes sociais, rodas de conversas, deba-

⁷ Trecho retirado da orelha de *Rosaura, a enjeitada*.

tes e embates, grêmios estudantis, diálogos, textos produzidos e acessados, que circulavam pela Academia de Direito de São Paulo.

Neste ambiente, o autor esteve presente com suas produções e a construção de seu discurso, seus pensamentos e apropriações das literaturas que fervilhavam na Academia. De acordo com Santos (2015, p. 100), “na academia de Direito de São Paulo circulou uma série de ideias que tiveram repercussão em todo o Império”. Deste modo, é importante entender as tensões presentes, os argumentos e conceitos, ou seja, como o autor se apresenta a partir de suas apropriações e das escolhas que realiza.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bernardo Guimarães, em *Rosaura, a enjeitada*, apresentou-se como um autor empenhado em destacar o caráter híbrido das raízes do povo brasileiro, e a presença das etnias branca, indígena e negra. Demonstrando comprometimento com o seu tempo, visto que tratou, em seu romance, de questionamentos sobre raça, uma vez que identificamos o romancista compor personagens negros e apresentar como símbolo de inferioridade em relação ao branco, para ele aspectos como inteligência, beleza e moralidade são características da raça branca.

A obra é marcada por concepções do autor, sobre o negro como um indivíduo que, somente por meio da mestiçagem, pode alcançar civilização. Assim, o literato traz um discurso de marginalização sobre o negro, no processo de constituição nacional e se posiciona na discussão. Na narrativa, o autor apresenta um discurso sobre a miscigenação brasileira, as configurações e a sua forma de pensar em relação às teorias raciais que cercavam a Academia de Direito, bem como os discursos em torno da vida escolástica que versavam sobre o destino da nação brasileira. *Rosaura, a enjeitada* é uma obra constituída de discursos da Academia de Direito de São Paulo que repercutiam no meio intelectual da sociedade imperial.

Bernardo Guimarães fez uso do impresso para di-

fundir ideologias e criticou a situação existente em torno da ideia sobre a miscigenação racial e o lugar do negro. Consideramos a obra como um recipiente de memórias e vivências do corpo acadêmico do Direito oitocentista, uma vez que encontramos, na trama, relatos do cotidiano desses acadêmicos. Acreditamos que a produção literária constitui um repertório do autor e se configurou em uma ação política, pois Bernardo Guimarães utilizou o romance como espaço de experiência social. Ao descrever a trama, o romancista mobilizou recursos intelectuais de acordo com suas necessidades definir formas de ação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sergio. **Os aprendizes do poder**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Projeto nacional e educação uma leitura a partir da obra de Bernardo Guimarães. In: MORAIS, Christianni; PORTES, Écio Antônio;

ARRUDA, Maria Aparecida. **História da Educação: ensino e pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUIMARÃES, Joaquim Bernardo. **Rosaura, a enjeitada**. v. 1. Coleção Saraiva.

GUIMARÃES, Joaquim Bernardo. **Rosaura, a enjeitada**. v. 2. Coleção Saraiva.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2006.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Irene

Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Borges. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1994. p. 525-541.

MENEZES, Hugo Lenes. **Folhetim da escravidão: o caso de Bernardo Guimarães.** In: Congresso Internacional da Brazilian Studies Association (BRASA), 2012. Disponível em: http://www.brasa.org/wordpress/Documents/BRASA_XI/Hugo-Menezes.pdf. Acesso em: 28 jul. 2017.

NOGUEIRA, Almeida (1907-1912). **Tradições e reminiscências.** Estudantes, estudantões e estudantadas. 9 Volumes. São Paulo: Saraiva, 1977.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira.** Rio de Janeiro: H. Garnier, 1888. 2 v.

SANTOS, Gustavo dos. **Academia de Direito de São Paulo: cultura jurídica e política na formação dos bacharéis (1850-1870).** 2015. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças** – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Luana Batista de. **Grande é o poder do tempo: colação entre testemunhos de O Seminarista de Bernardo Guimarães.** 2012. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ZICA, Matheus da Cruz e. **Literatura e formação no século XIX: a escritura de Bernardo Guimarães.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

ZICA, Matheus da Cruz e. A produção jornalística e literária de Bernardo Guimarães: Cultura e educação no século XIX. In: Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação, 4, Minas Gerais, 2007. **Anais [...]**, UFMG, 2007.

ZICA, Matheus da Cruz e. **Educação e masculinidade na produção jornalística e literária de Bernardo Guimarães (1852-1883).** 2008. 106f. Dissertação (Mestrado de Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais FAE – UFMG, 2008.

1 Mestra em Educação pela Universidade Tiradentes – UNIT/SE; Bacharel em Serviço Social pela UNIT/SE. E-mail: Jadyrosas@hotmail.com

2 Mestranda em Educação pela Universidade Tiradentes – UNIT/SE, com Bolsa Capes/FAPITEC/SE; Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe – UFS/SE. E-mail: luziane.rosa@hotmail.com

3 Doutora em Educação pela Universidade Tiradentes – UNIT/SE; Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS/SE; Licenciada em Pedagogia pela Universidade Tiradentes – UNIT/SE. E-mail: mariangela.dias2211@gmail.com

Recebido em: 30 de Novembro de 2018

Avaliado em: 18 de Dezembro de 2018

Aceito em: 18 de Dezembro de 2018
